SIG Revista de Psicanálise v.15 n.2 (2026): Jul.-Dez.

e2901 | DOI 10.59927/sig.v15i2.278

EDITORIAL

A angústia, conceito central da teoria psicanalítica, permanece como uma questão fundamental para a compreensão do sofrimento psíquico e de suas manifestações na contemporaneidade. É a partir dessa temática que apresentamos o número 29 da **Sig Revista de Psicanálise**, cuja seção **Em Pauta** foi elaborada em consonância com a 20ª Jornada da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, buscando ampliar e dar continuidade às discussões suscitadas pelo evento. Ao reunir contribuições que percorrem diferentes momentos da construção do pensamento psicanalítico, este número convida a revisitar as formulações sobre a angústia e a refletir sobre os desafios que suas manifestações atuais colocam à clínica.

Entre os trabalhos reunidos na seção **Em Pauta**, destacamos duas conferências realizadas na 20ª Jornada da Sig, que enriquecem o debate sobre a angústia a partir de diferentes perspectivas. Mariano Horenstein aborda as transformações dessa experiência na contemporaneidade, articulando temporalidade, cultura e os efeitos de uma sociedade marcada pela aceleração e pelas tentativas de silenciamento do sofrimento. Rosane Maria Cardoso, por sua vez, propõe uma reflexão sobre o corpo negro e os processos de alienação produzidos pelos discursos racistas, evidenciando a angústia que emerge das experiências de não pertencimento. Em diálogo com essas contribuições, os demais trabalhos da seção retomam as primeiras formulações freudianas sobre a angústia e exploram suas manifestações clínicas, especialmente aquelas relacionadas ao desamparo e aos limites da simbolização. Em conjunto, os textos evidenciam a complexidade da angústia e a importância de uma escuta sensível às suas diferentes formas de expressão.

Na seção **Entrevista**, contamos com a participação de Mário Eduardo Costa Pereira, que também integrou a programação da 20ª Jornada da Sig como conferencista, fortalecendo a interlocução entre as discussões promovidas no evento e aquelas que encontram continuidade nas páginas desta revista. Na entrevista, o psicanalista aprofunda o debate sobre a angústia e suas relações com a temporalidade, interrogando os efeitos das transformações contemporâneas sobre a experiência do tempo e as possibilidades de construção de um futuro. Suas reflexões recolocam em evidência a importância de uma prática psicanalítica capaz de reconhecer as dimensões históricas e culturais do sofrimento.

Na seção **Ensaios**, a interlocução entre psicanálise, filosofia e literatura amplia as possibilidades de compreensão da vida psíquica, explorando as relações entre o estranho, o terror e o trágico. Em outra direção, a retomada do conceito de objeto transformacional, de Christopher Bollas, convida a pensar as dimensões estéticas e inconscientes da constituição psíquica, bem como suas implicações para o trabalho analítico.

A seção **Artigos** apresenta contribuições que transitam entre os fundamentos metapsicológicos e os desafios da contemporaneidade. As aproximações e distinções entre Freud e Nietzsche, as relações entre escrita, trauma e cisão do Eu, a problematização dos modelos binários na psicanálise e os efeitos dos ideais culturais sobre o corpo e os padecimentos alimentares compõem um conjunto de reflexões que sustenta a vitalidade do pensamento psicanalítico e sua abertura ao diálogo com diferentes campos do saber.

As **Resenhas**, por sua vez, apresentam leituras que renovam discussões fundamentais para a psicanálise. A atualidade do conceito de perversão social, desenvolvido por Contardo Calligaris, e os desafios clínicos colocados pelas experiências passionais ampliam as reflexões sobre as relações entre sujeito, laço social e os limites do trabalho analítico.

Ao reunir essas diferentes contribuições, este número dá continuidade às reflexões que marcaram a 20ª Jornada da Sig, ampliando seus desdobramentos e destacando a importância da circulação e da transmissão do pensamento psicanalítico. Em um contexto marcado pela busca de respostas imediatas e por tentativas recorrentes de silenciamento do sofrimento, a psicanálise evidencia a importância de sustentar um espaço de escuta e elaboração daquilo que resiste à compreensão e à simbolização. Reconhecer a angústia como dimensão constitutiva da experiência humana implica considerar sua complexidade e seus modos singulares de expressão. É nessa perspectiva, atenta à singularidade do sujeito e aos tempos próprios do trabalho psíquico, que a psicanálise reafirma sua relevância diante dos desafios da contemporaneidade.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura!

Mariana Steiger Ungaretti
Editora

Pâmela Soares Bratkowski
Editora Assistente

Ângela Segabinazzi Rodrigues
Gabriele Honscha Gomes
Comissão Executiva